Virgílio Távora, o estadista

Filomeno Moraes*

1. Introdução

Nesta conferência sobre o centenário de nascimento de Virgílio Távora (VT), não necessariamente na ordem seguinte, proponho-me realizar três coisas: a) retirar alguns episódios do baú da memória; b) fazer um pequeno apanhado de passagens sobre VT na condição sócio efetivo deste Instituto, a que pertenceu de 1974 até a sua morte, em 1988; c) e, principalmente, na medida do possível *sine irae et studio*, traçar um perfil de VT, no seu contexto, ação e pensamento políticos. Como a minha missão profissional tem sido falar sobre o Estado, e para que não haja algum Apeles, cuidadoso ou maledicente, a reclamar que sou um sapateiro que vai além do sapato (*Ne supra crepidam sutor judicaret*), reitero, cuidarei somente do *homo politicus*, dentre as muitas facetas que evidentemente compuseram a persona de VT.

2. Os Távora, VT e o desafio histórico-biográfico

Virgílio de Morais Fernandes Távora nasceu em Fortaleza no dia 29 de agosto de 1919, no Ceará governado pelo desembargador José Moreira da Rocha, o Moreirinha. Seu pai, Manuel do Nascimento Fernandes Távora, descendia pelo costado materno daqueles Távora, de raízes fincadas naquele "alto Império", em que "O Sol, logo em nascendo, vê primeiro,/ Vê-o também no meio do Hemisfério,/ E quando desce o deixa derradei-

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará

ro".[1] Acusados de conspiração contra o rei D. José I, caíram em desgraça e foram perseguidos ferozmente por Sebastião José de Carvalho e Melo, o conde de Oeiras e Marquês de Pombal, déspota esclarecido preocupado com a modernização de Portugal, onde, de modo geral, vicejava uma nobreza parasitária e um catolicismo ultramontano e supersticioso.[2] Uma parte dos Távora foi supliciada, entre os quais a marquesa e o marquês de Távora; outra parte, condenada ao degredo; outra parte ainda fugiu da ira do governo de Pombal, vindo bater no Brasil; e, parte dessa parte, se fixou na margem esquerda do Rio Jaguaribe.[3]

Ali, no vale do Jaguaribe, no século passado, na pequena fazenda Embargo, no hoje município de Jaguaribe, neste Estado, Joaquim Antônio do Nascimento e Clara Fernandes Távora constituíram uma família de quinze filhos, entre os quais, Juarez Távora, um dos líderes do tenentismo no Brasil; Joaquim Távora, também "tenente", morreu em 1924, em São Paulo, durante as escaramuças lideradas pelo general Isidoro Dias Lopes; e o primogênito Manoel, líder da Revolução de 1930 no Ceará, deputado estadual, deputado federal, interventor e senador da República. E, sobretudo, pai de VT.

À época do nascimento de VT, os Távora já tinham tradição na política interiorana, como opositores da oligarquia dos Acióli, dominante no Ceará durante a República Velha. Profissionalmente, dirigiam-se à vida política ou à vida militar, ou, como era comum então, concomitantemente à duas. O pai de VT, Manuel Fernandes Távora, médico e farmacêutico, fez oposição ao aciolismo, aderindo depois ao tenentismo,[4] ocasião em que, como jornalista, fez dura oposição à política de Artur Bernardes, o que o levou a autoexílio na Europa por dois anos. De volta ao Ceará, e com o agravamento da crise que levou à derrocada a política do café-com-leite, Fernandes foi preso pela polícia do presidente do Estado Matos Peixoto. Advinda a Revolução de 30, foi retirado da cadeia por populares, tornan-

---

1 CAMÕES, Luís Vaz de. *Os lusíadas*. Porto: Lello & Irmão, 1980, p. 5.

2 MAXWELL, Kenneth. *Marquês de Pombal*: o paradoxo do Iluminismo. Rio de Janeiro: Record, 1996; AZEVEDO, João Lúcio de. *O marquês de Pombal e a sua época*. São Paulo: Alameda, 2004.

3 TÁVORA, Fernandes. *Ideias e perfis*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967; TÁVORA, Juarez. *Uma vida e muitas lutas*, 1º volume: da planície ao altiplano. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

4 MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *Fernandes Távora e o tenentismo no Ceará (1921-1924)*. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1982.

do-se o interventor, logo em seguida referendado pelo governo provisório getulista.

Destarte, o ingresso de VT no mundo da política é prematuramente identificado na idade de cinco anos, quando, brincando no gabinete de estudo do pai, a avó materna dá a notícia a seu pai, Fernandes Távora, de que "o Quinzinho morreu". Quinzinho era a forma afetuosa com que a família se referia a Joaquim Távora, morto naquele dia, em consequência de ferimentos recebidos em São Paulo, em 1924. Virgílio vai ressaltar que tal foi a sua primeira e recorrente lembrança.[5]

Ralph Della Cava anotou, no seu *Milagre em Joaseiro*, que "não existe, infelizmente, uma biografia de [Antônio Pinto Nogueira] Accioly nem um estudo monográfico dos seus vinte anos de influência na política do Ceará".[6] O mesmo pode-se dizer de outras importantes figuras da política cearense, em relação a que os estudos monográficos e biográficos são modestos, como o senador Alencar, o senador Pompeu, Matos Peixoto, Fernandes Távora, Menezes Pimentel, Paulo Sarasate, entre outros dignitários da vida pública provincial e republicana.[7] Sobre VT o estado da arte já tem alguma consistência, tendo despertado na pós-graduação universitária cearense a motivação para dissertações de mestrado e teses de doutorado.[8] Neste Instituto do Ceará, o consócio Juarez Leitão pronunciou

---

5 CARTAXO, Jorge. Virgílio Távora, o agente da modernidade. *O Povo*, Fortaleza, 7 set. 2012. Disponível em: <https://www20.opovo.com.br/app/acervo/entrevistas/2012/09/07/noticiasentrevistas,2912491/virgilio-tavora-o-agente-da-modernidade.shtml>. Acesso em: 22 ago. 2019. Tal entrevista foi publicada originariamente em 1988, pouco antes da morte de VT. Sobre o papel de Joaquim Távora nas revoltas tenentistas de 1922 e 1924, ver DORIA, Pedro. *Tenentes*: a guerra civil brasileira. Rio de Janeiro: Record, 2016.

6 CAVA, Ralph Della. *Milagre em Joaseiro*. Trad. Maria Yedda Linhares. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 403.

7 Recentemente, vieram a lume alguns ensaios biográfico-políticos, como SARAIVA, J. Ciro. *Governo Gonzaga Mota*: coragem e decisão. Fortaleza: RDS, 2016; SANTOS, Luís Sérgio Santos. *Parsifal*: um intelectual na política. São Paulo: Escrituras; Fortaleza: Instituto Myra Eliane, 2017; LEITAO, Juarez. *Olga Barroso*: na vanguarda da vida. Fortaleza: Instituto Myra Eliane, 2017.

8 Ver, entre outros, ALENCAR JR., José Sydrião de. *Virgílio Távora*: o coronel modernizador do Ceará. Fortaleza, 2006. 325 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará; LIMA, Átila de Menezes. *A particularidade de um projeto modernizador*: Virgílio Távora e o processo de eletrificação do Estado do Ceará de 1950 a 1980. Fortaleza, 2015. 261p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Ceará. 261p; MELO, Francisco Egberto de. *A cultura cívica na educação cearense (1963-1973) – na tapeçaria da história, entre o "livro*

conferência sobre VT e a transição para o desenvolvimento, em 2013, publicada pela *Revista do Instituto*.[9] Além do mais, há outras publicações de ordem jornalística ou memorialística sobre VT.[10]

Até o momento, a biografia mais completa de VT é a escrita por Marcelo Linhares, que veio a lume em 1996 e que agora se reedita sem alterações, em edição fac-similar. Bem pesquisada, bem escrita, é obra de verdadeira testemunha ocular da história, em que não faltam, inclusive, demonstrações de afetividade do liderado pelo líder, do discípulo pelo mestre, do irmão político mais novo pelo irmão político mais velho. Linhares relata que, "em sua última viagem a Brasília, Luíza Távora, em almoço na Chácara de Glória e Cristiano Goiana, pediu-me que escrevesse sobre Virgílio. Sugeriu-me, de logo, um título para o Livro: '*Virgílio Távora: Sua Época*'", observando que "Luíza, infelizmente, veio a falecer poucos dias depois e vi que não poderia fugir ao compromisso assumido". E, criterioso, observa: "Percebi que não poderia ser personagem, nem relatar coisas de que tomara conhecimento pela minha intimidade com ele". E mais: "Ofereço o presente livro aos estudiosos da historiografia cearense que, tenho a esperança, irão ao arquivo de Virgílio Távora e deverão produzir trabalho que o retrate melhor".[11]

Assim, o desafio de Linhares está posto. Ainda não se escreveu a biografia definitiva – que, inclusive, dê conta da documentação sistematizada, só disponível tempos depois[12] - do político cearense, muito importante de 1950 até 1988 pelos sonhos e realizações e de 1988 até os nossos dias e outros que virão pela inspiração, nomeadamente, nestes tempos de incompetência, brutalidade e boçalidade políticas.

---

da professora" e os festejos à pátria e ao progresso. Fortaleza, 2006. 209p. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em História Social, Universidade Federal do Ceará.

[9] LEITÃO, Juarez. Conferência: Virgílio Távora e a transição para o desenvolvimento do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico)*, Fortaleza, v.127, 2013, p. 235-248.

[10] Ver, entre outras, LIMA, César Barreto; LIMA, Saulo Barreto (Org.). *Virgílio Távora*: o estadista cearense. Fortaleza: RDS, 2019. LIMA, Cláudio Ferreira. *A construção do Ceará*: temas de história econômica. Fortaleza: Instituto Albanisa Sarasate, 2008.

[11] LINHARES, Marcelo. *Virgílio Távora*: sua época. Fortaleza: Casa José de Alencar/UFC, 1996, p. 13-14.

[12] CEARÁ. *Inventário do acervo Virgílio Távora*. Fortaleza: Secult, 2003.

3. Perfil biográfico-político de VT

Virgílio cursou o Colégio Militar em Fortaleza. Ainda adolescente, toda a família se mudou para o Rio de Janeiro, pois o pai se elegera, em 1933, deputado constituinte. Depois, entre 1936 e 1938, cursou a Escola Militar do Realengo. Mauro Borges, que foi governador de Goiás e militar, dá conta: "Conheci Virgílio Távora na saudosa Escola Militar de Realengo, quando ainda era novato, recruta, bicho, como chamavam". E salienta que que "Virgílio desfilava, garbosamente, conduzindo o estandarte da Escola Militar, não pelo seu porte atlético, não pela sua beleza física, mas sim pelos seus dotes excepcionais de caráter e a sua capacidade intelectual". VT "era o primeiro aluno da turma e, como já se disse, não saiu aspirante, saiu já diretamente 2º tenente, como acontecera antes também com Luís Carlos Prestes. Na escola e depois dela, todo o tempo da sua vida, era uma pessoa importante e conhecida pelas suas virtudes, não pelo cargo que ocupava eventualmente, mas sim pelo que era sempre". E conclui: "Assim foi a vida toda: modesto e participante, sóbrio e preciso, franco e equilibrado, muito estudioso, nunca parou de estudar, era como se fizesse um curso sem fim da melhor maneira de servir ao seu País".[13]

De fato, Virgílio saiu da Escola Militar do Realengo já como oficial do Exército, pertencente à arma da Engenharia, e dedicou-se à carreira por cerca de dez anos, até que, a chamado do pai, assumiu, em 1949, a liderança da corrente *tavorista* da União Democrática Nacional (UDN)/Ceará.[14]

Desde então, até à morte em 1988, fez da política a sua vocação. Eleito deputado federal em 1950, Virgílio alcançou logo a condição de secretário-geral do seu partido, a UDN. Por outro lado, teve uma atuação destacada no processo legislativo de criação da Petrobrás, quando ele próprio o diz, "tive a minha primeira ação parlamentar de vulto". Postou-se como defensor do seu monopólio em todas as etapas da produção dos combustíveis, a saber, pesquisa, extração, exploração, transporte, menos distribuição, que deveria pertencer à iniciativa privada. Inclusive, contrapôs-se ao seu tio Juarez Távora, que defendia o monopólio do pe-

[13] BORGES, Mauro. In: SENADO FEDERAL. *Virgílio Távora, pt para sempre*. Brasília: Senado Federal, 1988, p. 155.

[14] A UDN/CE se dividia em duas alas, a *tavorista*, liderada por Fernandes Távora, e a s*aboysta*, chefiada pelo juiz José Saboya. Depois da morte de Saboya, em 1951, o grupo se dividiu, a parte liderada por Gentil Barreira se aliou à liderança de VT; a outra parte passou a ser liderado por Plínio Pompeu, genro de Saboya. LINHARES, Marcelo. *Virgílio Távora*...

tróleo apenas para o setor de refino. O projeto de lei, de 1952, originário do Poder Executivo, que propunha a criação da Petrobrás, não lhe atribuía o caráter monopolista e aceitava o capital estrangeiro na formação do seu capital. No meio dos debates, o deputado Amando Fontes e VT apresentaram uma emenda, a qual foi rejeitada em várias comissões da Câmara dos Deputados, mas veio a ser aprovada afinal, com o apoio do deputado Antônio Balbino – do Partido Social Democrático (PSD) da Bahia -, último relator da matéria na Câmara e articulador de um acordo que permitiu a aprovação da emenda, a qual se constitui no art. 1° da Lei 2.004, de 3 de outubro de 1953.

Foi também nesse momento que VT iniciou a campanha pela eletrificação do Ceará, concretizada em 1965, quando já governador. A Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), empresa pública da União Federal, possuía a concessão, pelo prazo de cinquenta anos, do aproveitamento progressivo da força hidráulica do Rio São Francisco, no trecho entre Juazeiro e Piranhas, com a finalidade de fornecer energia em alta tensão aos concessionários do serviço público na área compreendida por uma circunferência de 450 quilômetros de raio, centralizada na cachoeira de Paulo Afonso. Assim, estavam compreendidas na área de concessão da CHESF somente pouco mais de trinta municípios cearenses, do sul do Estado.[15] Urgia solucionar o problema energético do restante do Estado, inclusive, Fortaleza

A vocação conciliadora de VT no plano nacional se inicia quando da sucessão de Vargas, sobre o que afirma que, "afilhado de Oswaldo Aranha, amigo pessoal de João Goulart e Secretário Geral da UDN, fez "o humanamente possível para reeditar, na esfera federal, a aliança UDN--PTB cearense", realizando "várias reuniões no apartamento do deputado Edilberto Ribeiro Castro com Artur Santos, presidente nacional da UDN, e João Goulart". Ademais, "com grande raiva da 'Banda de Música' da UDN e sob as mais severas críticas de Carlos Lacerda, através da 'Tribuna da Imprensa'",[16] VT expressa ter-se deslocado "duas vezes ao Rio Gran-

[15] FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF)*. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/companhia-hidro-eletrica-do-sao-francisco-chesfetalhes>. Acesso em: 10 set. 2019.

[16] Pelo menos no seu livro de memórias *Depoimento*, Lacerda não demonstra apreço pelos políticos cearenses. Apresenta um juízo muito destrutivo sobre José Martins Rodrigues. Já em relação a VT, diz que foi ao encontro de um grupo de deputados que andavam queixosos com a liderança udenista na Câmara: "Fui encontrar com eles no bar do Copacabana Palace.

de do Sul, a fim de ajustar os entendimentos e, ao mesmo tempo, como amigo, retirar Goulart de um isolamento odioso em que se encontrava".[17]

O plano, que "consistia em um pequeno partido lançar para presidente o nome de Oswaldo Aranha ou Juracy Magalhães", com apoio, separadamente, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e a UDN, cada um com candidatura própria a vice-presidente. Conclui VT: "Tive uma grande desilusão. Com receio da imprensa e da 'Banda de Música', o comando da UDN, a começar por seu presidente, se negou ao acordo. [...] Falhos os entendimentos, Jango se sente desobrigado e se atrela à candidatura de Juscelino. Etelvino renuncia, e Juarez torna-se o candidato pela UDN-PDC".

Durante a campanha eleitoral, predominaram os movimentos militares inconformados com a possível vitória de Juscelino Kubitschek e a continuidade da influência do varguismo.[18] Este é um momento obscuro da vida política de VT, o da dimensão em que participou das tentativas de golpear as instituições. De um lado, coloca-se a hipótese da influência

[...] Estava lá o Virgílio Távora e todos os chapas da época: Edilberto Ribeiro de Castro, José Cândido Ferraz, o pessoal da contemporização, digamos assim, e que eram, também, nem por acaso, todos boêmios. Dinarte Mariz já era senador, mas também estava no grupo. A mesma gente de hoje, salvo os falecidos: é só correr a lista de hoje. Juraci Magalhães era um chapa-branca escondido, como eu soube depois pelo próprio Juscelino". LACERDA, Carlos. *Depoimento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987, p. 210.

17 VT integrou na Câmara dos Deputados o Bloco Realista (ou "Chapa-Branca"), a que pertenciam também, entre outros, Gabriel Passos e Magalhães Pinto, de Minas Gerais; Juraci Magalhães, da Bahia; Rui Palmeira, de Alagoas; Leandro Maciel, de Sergipe; Dinarte Mariz, do Rio Grande do Norte; Dulcídio Monteiro, do Espírito Santo; Irineu Bornhausen, de Santa Catarina; Vilas Boas, de Mato Grosso; João Cleofas, de Pernambuco; José Cândido Ferraz, do Piauí; Artur Santos, do Paraná. A Banda de Música – chefiada por Carlos Lacerda e integrada, entre outros, por Adauto Lúcio Cardoso, Aliomar Baleeiro, Bilac Pinto, Mário Martins – no dizer de VT, "todos grandes tribunos, mas com pouca ou quase nenhuma responsabilidade eleitoral", fazia uma oposição sem trégua ao governo de Getúlio Vargas. CARTAXO, Jorge. Virgílio Távora, o agente da modernidade... Ver também BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o udenismo*: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965) São Paulo: Paz e Terra, 1981; HIPPOLITO, Lucia. *De raposas e reformistas*: o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-1964). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

18 A propósito, diz VT: "Chamado a me pronunciar pelos colegas de farda, solicitei aos responsáveis pela reação militar uma definição: reconhece-se a vitória, que era o mais certo e justo, ou então se entrava com uma ação aérea fulminante, com base no aeroporto de Vitória, Espírito Santo, 'fechando o tempo'. Diz-me a consciência que sempre me filiei pela primeira alternativa: 'ganhou, levou'". CARTAXO, Jorge. Virgílio Távora, o agente da modernidade...

do seu primo, o coronel-aviador Fídias Távora, que era um dos líderes da balbúrdia em que oficiais, principalmente da Aeronáutica e da Marinha, se envolveram no período. De outro, a *realpolitik* da UDN contra o fortalecimento do PSD, com a eleição de Kubitschek.

Embora alçado ao plano nacional, o engenho, arte e trabalho de VT se dirigiam fundamentalmente ao Ceará. Assim é que, já no primeiro mandato, arregaçou as mangas na busca da eletrificação no Estado. Depois, como ministro da Viação e Obras Públicas, indicado pela UDN, do breve governo parlamentarista de Tancredo Neves, a sua presença foi responsável por colocar no orçamento da União as verbas que, em seguida, possibilitaram a construção da linha que estendeu até Fortaleza a energia elétrica de Paulo Afonso, a extensão da rodovia Rio-Bahia até Fortaleza e a reconstrução do porto do Mucuripe.

VT se reelegeu deputado federal em 1954 e 1966, e elegeu-se senador em 1970 e 1982.

4. A política cearense a partir de 1946

Ao analisar o período anterior a 64, Santos destacou como uma das importantes tendências emergentes ao longo da história eleitoral brasileira, "a vitória recorrente da oposição, qualquer oposição, e novamente quando se trata de eleição majoritária. No máximo, um partido, ou uma coalizão de partidos, antes de 1966, manteve-se no poder, [em alguns Estados], por dois termos governamentais sucessivos". E colocava como exemplo o Estado do Ceará, afirmando: "[...] Na mesma categoria encontra-se o Ceará, onde parece nenhum governador desde 1946 conseguiu eleger seu sucessor (...)".Entretanto, tal tendência recorrentemente oposicionista no que diz respeito aos pleitos majoritários é confrontada, pelo mesmo autor, no que se refere às eleições proporcionais: "Não obstante a tendência oposicionista cearense, por exemplo, no que concerne à eleição majoritária, a distribuição de cadeiras para deputados federais, estaduais e Assembleia Legislativa de Fortaleza (*sic*), entre os quatro principais partidos (UDN, PSD, PTB, PSP), permaneceu bastante estável durante o período (...)".[19]

De fato, no período que se segue a promulgação da Constituição Federal de 1946, no Ceará realizou-se alternância partidária, em que a

[19] SANTOS, Wanderley Guilherme dos. As eleições e a dinâmica do processo político brasileiro. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 14, 1977, p. 213 e 215.

UDN e o PSD eram os principais partidos políticos, tendo o PTB (de Chico Monte e Carlos Jereissati), o Partido Republicano (PR) (dos irmãos Moreira da Rocha) e o Partido Social Progressista (PSP) (de Olavo Oliveira) a se revezarem como o fiel da balança.

Nas eleições de 1947, Faustino de Albuquerque (UDN) foi escolhido governador. Em 1950, foi a vez de Raul Barbosa. (PSD). No pleito eleitoral de 1954, a aliança UDN-PTB levou ao governo do Estado Paulo Sarasate (UDN), tendo como vice o professor Flávio Marcílio (PTB). Em 1958, VT disputou as eleições para governador do Estado, sendo derrotado por Parsifal Barroso, beneficiário da união PTB e PSD. Diz VT: "Tudo corria bem, até que veio a seca. Uma das maiores da nossa história e onde maior foi a corrupção", visto que, naquela época, "havia não só discriminação, mas sim perseguição. Isto é, o cidadão não rezava na cartilha do chefe político local do PSD ao qual atribuíram criminosamente o comando do combate à seca, morria de fome"

Ainda segundo VT, como o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) estava nas mãos do PSD, ocorreu uma "orgia de recursos e uma terrível pressão do Governo federal, então nas mãos do PSD e do PTB". Assim, "um mundo de recursos e de dinheiro, vindo das mais diferentes fontes", mais "o prestígio do ex-Ministro do Trabalho, a quem os empresários eram devedores de favores e atenção", a repercussão ainda negativa da campanha pela eletrificação, que havia causado um efeito devastador no Cariri e que em Fortaleza em nada ajudava, e o trabalhismo em ascensão e com grande aceitação nas camadas mais pobres da capital", tudo levou à derrota de VT em 1958.[20]

VT relata que, em junho de 1958, numa festa social nos jardins da Universidade Federal do Ceará, foi tentado um acordo, talvez o embrião da União pelo Ceará, que aconteceria em 1962. Diante a situação calamitosa em que se encontrava o Estado, o candidato a governador seria Waldemar de Alcântara (PSD), a UDN ficaria com a vice e a senatória de Olavo Oliveira (PSP) seria respeitada. Mas os entendimentos não frutificaram porque o PSD não abria mão da sua senatória. "Acordo entre cavalheiros, poucas pessoas disso souberam. Colocado o dilema de prosseguir a minha campanha, apelei para um empréstimo no Banco União. Mesmo assim, o dr. Parsifal foi o vitorioso", conclui VT.[21]

---

[20] CARTAXO, Jorge. Virgílio Távora, o agente da modernidade...

[21] *Ibid*., 2012...

5. A União pelo Ceará, o governo de VT e o I Plameg

Em 1962, a União pelo Ceará - uma coligação de partidos de que faziam parte, entre outros, a UDN e o PSD, tradicionais adversários no Estado -, enfrentando o crescimento das forças de esquerda, fez VT governador.[22] Contemplando tal eleição governamental, o sociólogo Hélio Jaguaribe registrou: "Conjuntamente com Pernambuco, foi o Ceará o único Estado nordestino em que as eleições ultrapassaram o plano da política de clientela e se colocaram em termos nitidamente ideológicos, como uma disputa entre tradição e renovação, direita e esquerda". No entanto, aqui, diversamente do ocorrido em Pernambuco, conclui Jaguaribe, "venceu a direita com marcado sentido conservador-senhorial, numa eleição que mobilizou todo o 'estabelecimento' regional a serviço do *status quo*". Jaguaribe acentuava que o campesinato cearense ainda não disponha nem de consciência nem de organização políticas". E reforça ainda mais o grau de inconsistência ideológica do eleitorado rural cearense, quando afirma: "(...) o eleitorado agrário pernambucano, diversamente do cearense, já alcançou perfeita compreensão de seus interesses e manifesta um alto grau de consciência e de organização políticas".[23]

Os governos do Ceará, até o início dos anos 1960, não adotavam o planejamento. Segundo Cláudio Ferreira Lima, "são praticamente propriedade quase que exclusiva das oligarquias que o capturam em duvidosas eleições. Por isso, não há um rumo bem definido para o Estado, senão para os donos do poder".[24] VT arrostava, como governador, um Estado marcadamente muito pobre: agricultura primitiva, sujeita a secas, sem indústrias, ausência de um banco estadual, de um distrito industrial, de um porto razoável, carência de energia elétrica, água praticamente só no centro da Capital. Assim, "governar o Ceará se resumia a demitir, nomear e transferir o funcionalismo". Com certeza, também prender e soltar. Mas, ganha a eleição, VT surpreendeu positivamente. Introduziu o

---

[22] RIBEIRO, Francisco Moreira. *A reação política conservadora*: o caso da União pelo Ceará. Fortaleza, 2000. 263p. Dissertação (Mestrado) - Mestrado Acadêmico em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

[23] JAGUARIBE, Hélio. As eleições de 62. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, nº 2, dez. 1962, p. 29.

[24] LIMA, Cláudio Ferreira. *A construção do Ceará*: temas de história econômica. Fortaleza: Instituto Albanisa Sarasate, 2008, p. 217.

planejamento governamental, com a criação e implementação do Primeiro Plano de Metas Governamentais (I Plameg 1963-1966),[25] cuidou para que atividades, como a fazendária, a educacional e de segurança, ficassem fora da barganha político-partidária, convocou técnicos e intelectuais de corte progressista para o governo e, sobretudo, criou condições para o desenvolvimento do Ceará.

Deve ser ressaltado também que VT manteve distância do denominado *Comando Civil Revolucionário*, que, no Ceará, conspirava contra o governo de João Goulart. A partir de abril de 1964, foi objeto de dramática pressão política, estando, inclusive, em via de ser deposto. No discurso da festa da chegada da energia elétrica de Paulo Afonso a Fortaleza, VT quase selou o destino de um réprobo político, quando, na presença do presidente Castelo Branco, destacou: "A partir de 25 de março de 1963, ao nos investir no cargo de Governador do Estado, não perseguimos outro objetivo – em nosso labor de hora a hora, dia a dia – senão continuar a lutar junto aos poderes da República no sentido de tornar real e efetiva a marcha de Paulo Afonso sobre Fortaleza", pelo que "impõe a História consignarmos o apoio para tal recebido do antecessor de V. Excia., e do seu Governo".[26]

Entre outras consequências, por não lhe ser posto à disposição lugar para disputar uma senatória em 1966, VT teve de contentar-se com uma vaga de deputado federal. Foi o candidato mais votado no Ceará, e só o eleitorado de Fortaleza lhe garantiu a vaga.

VT voltou ao governo do Estado em 1979, agora por meio de eleição indireta. Em 1982, foi eleito senador novamente com votação consagradora, mas, nas suas palavras, "vi, logo após a ascensão ao Palácio da Abolição de meu sucessor, fecharem-se-me, e aos amigos que me quedaram fiéis, as portas do poder",[27] de que resultou a ruptura política com o governador Gonzaga Mota.

---

[25] BARBOSA, Arnoldo Parente Leite. *Planejamento governamental*: aspectos políticos e uma análise das experiências mundiais, brasileira e cearense. Fortaleza: Uece, 1987; LIMA, Cláudio Ferreira. *A construção do Ceará*...

[26] TÁVORA, Virgílio. *A chegada da energia de Paulo Afonso a Fortaleza* (discurso proferido em 1º de fevereiro de 1965). Fortaleza: Departamento de Imprensa Oficial, 1965. De acordo com Linhares, a expressão vocalizada por VT, que tanto desconforto causou a Castello, foi a seguinte: "Manda a Justiça e impõe a História que se diga que grande parte dessa obra se deve ao antecessor de V. Exa., Dr. João Goulart". LINHARES, Marcelo. *Virgílio Távora*..., p. 240.

[27] CARTAXO, Jorge. Virgílio Távora, o agente da modernidade...

Logo após as eleições de 1982, o Partido Social Democrático (PDS), sucedâneo da Aliança Renovadora Nacional (Arena), entrou num galopante processo de desintegração, derivado pelas desavenças entre o governador eleito sob a égide do "pacto dos três coronéis",[28] e o grupo político liderado pelo senador VT, responsável direto pela escolha de Gonzaga Mota para a sucessão para o quadriênio 1983-1987. Por outro lado, o fato de Gonzaga Mota, quando da sucessão presidencial do general Figueiredo, colocar-se ao lado do candidato dissidente do projeto do Palácio do Planalto - o então vice-presidente Aureliano Chaves – acirrou mais ainda os conflitos locais e acarretou a divisão irremediável do PDS. O governador Gonzaga Mota e o grupo político que lograra constituir à sombra do governo se bandeou para o PMDB, e outra parte expressiva do PDS, liderado pelo então vice-governador, Adauto Bezerra, criava no Estado o Partido da Frente Liberal (PFL), terminando o governador e o vice-governador, e os seus grupos políticos, por apoiar Tancredo Neves no Colégio Eleitoral.

Desde 1984, por conta do ingresso do então governador e dos parlamentares que o apoiavam, o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) passou, no que diz respeito a posições no Poder Executivo e no Poder Legislativo, a maior força partidária no Estado. De uma bancada de cinco deputados federais e doze deputados estaduais em 1982, contra dezessete e 36 deputados federais e estaduais, respectivamente, do PDS, nas eleições de 1986, o PMDB fez o governador e o vice-governador do Estado, dois senadores, doze deputados federais e 24 deputados estaduais. [29]

O processo político cearense foi marcado nos anos 80 pelo ingresso de uma vertente advinda diretamente do corporativismo industrial. O governador eleito em 1986, fruto da ruptura empreendida sob a iniciativa do governador Gonzaga Mota, possibilitou o ingresso na política de um grupo de empresários que, desde os anos 70, participava ativamente do

---

[28] Em 1982, os três "coronéis" cearenses firmaram um acordo, devidamente referendado pelo governo do general Figueiredo, para que o candidato do PDS fosse indicado pelo grupo político do então governador indicado. Como parte do acordo, ficou estabelecido que os cargos de confiança do Estado, e os de nível federal no Estado, seriam divididos equitativamente - 33,33% para cada - entre os grupos políticos liderados por Virgílio Távora, César Cals e Adauto Bezerra. MORAES, Filomeno. Partidos, eleições e política no Ceará (1986-2002). In: SOUZA, Celina; DANTAS, Paulo (Org.). *Governo, políticas públicas e elites políticas nos Estados brasileiros*. Rio de Janeiro: Revan, 2006, p. 287-307.

[29] MORAES, Filomeno. Partidos, eleições e política no Ceará (1986-2002)...

debate sobre o desenvolvimento econômico e político do Ceará. Iniciada em 1986, a "nova política" encetaria uma ação administrativa em que assumia como alvo fundamental a promoção da reforma do Estado - vítima então de uma forte crise fiscal, acometido de paralisia decisória e presa de mecanismos de apropriação privada de bens públicos - reforma que acabou por levar o Executivo a um afastamento e ruptura com boa parte da coligação partidária que o elegera. Esse afastamento progressivo do governador Tasso Jereissati o conduziu e ao seu grupo político ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), em 1989, e a organizá-lo no Estado do Ceará.[30]

No Senado, como líder do governo (1983-84) para assuntos econômicos, VT teve ocasião de ser o relator da comissão mista que apreciou o projeto do Executivo do qual se originou a Lei da Informática. Na Constituinte, VT tornou-se o relator-auxiliar da Comissão de Sistematização, coordenador do Grupo dos 32, que desempenhou papel fundamental de equilíbrio para a feitura do novo texto constitucional.[31]

6. VT e Luíza Távora

No seu mister político, Virgílio teve a coparticipação da sua mulher Luíza Távora, filha do ex-secretário de Estado Luiz Moraes Correia, a quem se referiu como "linda, arredia, com a visão crítica que as órfãs prematuras possuem acerca das coisas e das pessoas" e "mulher muito expansiva, espirituosa, com hábitos morigerados e de sólida formação cristã". Diz ainda VT: Inútil também enfatizar, de todos conhecidos que é, a imensa obra social desenvolvida por Luíza. Por 15 dias ininterruptos despedimo-nos (ela e eu) do Governo inaugurando obras em todos os quadrantes do Estado.[32]

O papel político da companheira de VT já foi objeto da preocupação de, pelo menos, duas monografias acadêmicas,[33] e é destacado o seu

---

[30] *Ibid*., 2006.

[31] Ver, entre outros, PILATTI, Adriano. *A Constituinte de 1987-1988*: progressistas, conservadores, ordem econômica e regras do jogo. Rio Janeiro: Editora PUC-Rio, 2008; MORAES, Filomeno. *Constituição econômica brasileira*: história e política. Curitiba: Juruá, 2011.

[32] CARTAXO, Jorge. Virgílio Távora, o agente da modernidade...

[33] Ver, entre outros, MORAIS, Ana Flávia Góes. *As representações sobre Luiza Távora na*

poder decisório, *v.g.*, na definição de Luís Gonzaga da Fonseca Mota, para a sucessão de VT/Manuel de Castro, em 1982.[34]

7. VT e o Instituto do Ceará

Dando continuidade à tradição familiar, visto que o seu avô materno Virgílio de Moraes foi um dos fundadores deste Instituto, e seu pai, Fernandes Távora, foi sócio efetivo de 1947 a 1973, VT também foi sócio efetivo deste Instituto, aqui ingressando em 1974. Foi eleito em 4 de fevereiro de 1974, juntamente com Guarino Alves, Raimundo Aristides Ribeiro e Raimundo Teles Pinheiro, ocasião em que se preencheram quatro das oito vagas criadas em virtude de reforma estatutária. Em 20 de fevereiro do mesmo ano, foi lido em sessão ofício de VT concordando com a eleição para sócio efetivo. No dia 20 de março, foi designado Mozart Soriano Aderaldo para proceder-lhe a oração de recepção. Por fim, na sessão de 4 de julho, na sua ausência, foi dada a posse *ex officio*.[35] Na sessão do 20 de novembro, a ata dá conta de "um ofício do consócio senador VT, informando ter incluído o nome desta Entidade entre as subvencionadas no orçamento da União para o exercício de 1975". Na sessão de 4 de julho de 1975, Virgílio compareceu ao Instituto, pedindo "a palavra para agradecer as referências à sua pessoa e à classe política, que disse constituírem poderoso incentivo de sua caminhada a serviço do Ceará e do Brasil". Eram tempos em que a classe política ressurgia das sombras da noite autoritária, agravadas, sobretudo, com a edição do ato institucional de 13 de dezembro de 1968. Lembrou, inclusive, que "o comendador Nogueira Acióli e o senador Menezes Pimentel morreram paupérrimos, após uma vida quase toda dedicada ao bem público".[36] Os tempos eram outros, com certeza.

política cearense (1962-1966). Fortaleza, 2011. 116p. Dissertação (Mestrado) - Mestrado Acadêmico em História, Universidade Estadual do Ceará; MEDEIROS, Moíza S. S. *Primeiro-damismo no Ceará*: Luíza Távora na gestão social. Fortaleza: Eduece; Edmeta, 2012.

[34] Ver, entre outros, LINHARES, Marcelo. *Virgílio Távora*...; SARAIVA, J. Ciro. *No tempo dos coronéis*: crônicas e episódios da política cearense (1958-1986). Fortaleza: ABC Editora, 2011; SARAIVA, J. Ciro. *Governo Gonzaga Mota*...

[35] INSTITUTO DO CEARÁ. Atas das sessões - Instituto do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t. LXXXVIII, 1974, p.244-275.

[36] INSTITUTO DO CEARÁ. Atas das sessões do Instituto do Ceará no decorrer do ano de 1975. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t. LXXXIX, 1975, p.258-289.

Posteriormente, em 20 de novembro de 1975, VT pronunciou o discurso de recepção de novos sócios efetivos, a saber, José Teixeira de Freitas, Francisco Fernando Saraiva Câmara, Francisco de Assis Arruda Furtado e Hélio de Sousa Melo. Na ocasião, destacou que "também sobre os políticos – homens profundamente inseridos na vida da comunidade – exerce a história estranho fascínio", pois, "participes que são dos grandes acontecimentos sociais de sua época, ao testemunho dispersivo de seus coevos – quase sempre sem a necessária isenção de espírito - vêm juntar a contribuição do depoimento pessoal acerca dos fatos por eles vividos, com a circunstância do conhecimento direto de suas causas profundas". Afirma mais que, "respondendo ao apelo da história – Homem Público que sou, de longa data, para aqui vim, na intenção de trazer ao INSTITUTO modesta parcela de observações, conhecimentos e experiência".[37]

8. VT, um estadista do Ceará e do Brasil

Maquiavel, no principal capítulo de *O principe,* diz que o principado ideal é o que se consegue pela fortuna e se mantém pela *virtù*, por conseguinte, a *astúcia afortunada*. Por sua vez, no seu magistral ensaio *A política como vocação*, Max Weber salienta a sua confiança na política como a arte de evitar que o convívio humano se transforme em um inferno, encarecendo-se as suas palavras relativas à *vocação da política*:[38] "Fazer política significa perfurar lenta e energicamente tábuas duras com uma combinação de paixão e senso de proporção. É certo afirmar – e toda a experiência histórica confirma – que não se teria alcançado o possível se, neste mundo, não se tentasse o impossível".

Nos quarenta anos de vida pública, VT foi o político virtuoso que, achando que era possível, tentou o impossível: para o Ceará, o desenvolvimento; para o Brasil, o monopólio estatal do petróleo, a rede de portos, a energia nuclear, a informática. Trinta anos depois da sua morte, a sua figura se agiganta perante a história. Não poupava obstáculos, pelo contrário, enfrentava os moinhos de ventos e, no mais das vezes, os venceu: o atraso renitente do Ceará, com as suas elites canhestras e famintas de

[37] INSTITUTO DO CEARÁ. Recepção de novos sócios efetivos: discurso do senador Virgílio Távora. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t. LXXXIX, 1975, p. 199-204.

[38] WEBER, Max. *Escritos políticos*. Trad. Regis Barbosa; Karen E. Barbosa. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015, p. 463.

privilégios; Carlos Lacerda e a Banda de Música da UDN; a linha-dura militar que, com o seu radicalismo, levou o país para o reforço ditatorial de 1968, e antecipava a violência que atingiu a classe política e a sociedade, com a vergonha dos porões e das tigradas.

Depois de ter sido deputado federal por três vezes, senador por duas vezes, governador também por duas vezes e ministro de Estado, VT faleceu, aos 68 anos de idade, em 1988, sem ver terminada, embora já bem encaminhada, a obra constituinte a que tanto se doava. Durante os quarenta anos da sua vida pública, Virgílio foi ator das grandes transformações da política cearense e brasileira: das articulações que se seguiram à derruba de Vargas e da Assembleia Constituinte de 1987/1988; do golpe militar de 1964 e do processo de industrialização do Ceará; da aventura de Jânio Quadros, que não era o seu candidato originalmente, ao governo parlamentarista; da defesa discreta do governo João Goulart à busca da estrutura da energia, dos transportes e da informática; da defesa da Região Nordeste na Constituinte.

Desde o dia 1º de abril de 1949, quando as armas cederam à toga na sua vida, até o seu desenlace do mundo dos vivos, em 3 de junho de 1988, foi o projeto, a maduração e a completude do estadista que o Ceará teve. A sua agenda ainda hoje, inacabada, orienta a busca da infraestrutura e da consecução do desenvolvimento econômico e da convivência social com os padrões mínimos de justiça. Abraçando a política num caso de amor do qual só se separou com a morte, VT, um liberal-conservador, um pragmático, o qual, tomando de empréstimo a disjunção weberiana, viveu não *da* política, mas *para* a política, realizando a própria convicção, segundo a qual "são as paixões e não os interesses que constroem o mundo". Observe-se que VT só pertenceu a três partidos, a saber, a UDN, a Arena e ao PDS, numa linha de continuidade ideológica inédita, mas, capaz de surpreender, como a sua atuação na Assembleia Constituinte, assumindo posições progressistas, como a defesa da reforma agrária.

"Era um homem prático, sério, espirituoso e de uma capacidade enorme de convencer, concluir e realizar. Tinha um dialeto próprio para definir as situações e conceitos complexos pertinentes à política e às coisas de governo",[39] anotou um seu colega no Senado Federal. Foi um "humanista cartesiano", observa Leitão, e "sabia como ninguém pôr um pé no

[39] LUCENA, Humberto. Virgílio Távora. In: SENADO FEDERAL. *Virgílio Távora, pt para sempre*. Brasília: Senado Federal, 1988, p. 19.

batente da realidade e o outro no umbral metafísico. Conhecia a virtude do silêncio e o momento vital da palavra". E "intervinha como um cirurgião no ponto nervoso das crises e delas retirava o entrave, o corpo estranho, o mondrongo desagregador. Não perseguia o aplauso fácil e desconfiava das unanimidades". Ademais, "entendia as filigranas da natureza humana e respeitava os nobres sentimentos. Sabia distinguir as razões substantivas dos fatos e a sinuosidade das circunstâncias"[40]. Por sua vez, a jornalista Adísia Sá assim sintetizou a figura de VT: "Homem marcado pelo destino, conheceu o poder e a glória, mas também amargou o fel do ostracismo e a ingratidão dos pequenos. Em qualquer circunstância, entretanto, jamais traiu seus valores, nunca recuou de seus princípios, não fez concessões, nem tergiversou: retilíneo caminhou...".[41]

Na formidável película sobre os moicanos, há uma referência à sua mitologia, segundo a qual os guerreiros sábios e justos, quando morrem, passam a fazer parte, no mundo dos espíritos, de um Conselho dos Guerreiros. Se assim for, deve haver também um Conselho dos Guerreiros Brasileiros, e nele, com certeza, VT estará, como guerreiro do desenvolvimento do entendimento político do Ceará e do Brasil. Ali, quando algum espírito mais entusiasmado tirar a racionalidade da discussão, dirá VT: "Doutorzinho, espera aí, doutorzinho". E, engenheiro de frases e obras, brandirá, no melhor figurino cartesiano, os seus argumentos inquestionáveis.[42]

Muito gratificado pela deferência do presidente Lúcio Alcântara de encarregar o mais modesto dos sócios deste Instituto do Ceará para realizar esta despretensiosa fala, tão desproporcional à grandeza do homenageado, e muito gratificado também pela paciência de todas e de todos presentes, aqui dou os meus trâmites por findos. E, com a permissão de VT, digo: "Pt. Saudações".

---

[40] LEITÃO, Juarez. Conferência: Virgílio Távora..., p. 235-248.

[41] Citada por LINHARES, Marcelo. *Virgílio Távora*..., p. 434.

[42] MORAES, Filomeno. Um estadista do Ceará. *Segunda Opinião*, Fortaleza, 30 set. 2019. Disponível em: <https://segundaopiniao.jor.br/um-estadista-do-ceara-por-filomeno-moraes/>.

9. Referências

ALENCAR JÚNIOR, José Sydrião de. *Virgílio Távora*: o coronel modernizador do Ceará. Fortaleza, 2006. 325 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará.

AZEVEDO, João Lúcio de. *O marquês de Pombal e a sua época*. São Paulo: Alameda, 2004.

BARBOSA, Arnoldo Parente Leite. *Planejamento governamental*: aspectos políticos e uma análise das experiências mundial, brasileira e cearense. Fortaleza: Uece, 1987.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o udenismo*: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965) São Paulo: Paz e Terra, 1981.

BORGES, Mauro. In: SENADO FEDERAL. *Virgílio Távora, pt para sempre*. Brasília: Senado Federal, 1988. p. 155.

CAMÕES, Luís de. *Os lusíadas*. Porto: Lello & Irmão, 1980.

CARTAXO, Jorge. Virgílio Távora, o agente da modernidade. *O Povo*, Fortaleza, 16 maio 2012. Disponível em: <https://www20.opovo.com.br/app/acervo/entrevistas/2012/09/07/noticiasentrevistas,2912491/virgilio-tavora-o-agente-da-modernidade.shtml>. Acesso em: 22 ago. 2019.

CAVA, Ralph Della. *Milagre em Joaseiro*. Trad. Maria Yedda Linhares. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CEARÁ. *Inventário do acervo Virgílio Távora*. Fortaleza: Secult, 2003.

DORIA, Pedro. *Tenentes*: a guerra civil brasileira. Rio de Janeiro: Record, 2016.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF)*. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/companhia-hidro-eletrica-do-sao-francisco-chesfetalhes>. Acesso em: 10 set. 2019.

HIPPOLITO, Lucia. *De raposas e reformistas*: o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-1964). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

INSTITUTO DO CEARÁ. Atas das sessões - Instituto do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t. LXXXVIII, p.244-275, 1974.

INSTITUTO DO CEARÁ. Recepção de novos sócios efetivos: discurso do senador Virgílio Távora. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t. LXXXIX, p. 199-204, 1975.

INSTITUTO DO CEARÁ. Atas das sessões do Instituto do Ceará no decorrer do ano de 1975. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t. LXXXIX, p.258-289, 1975.

JAGUARIBE, Hélio. As Eleições de 62. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, nº 2, p. 7-38, dez. 1962.

LACERDA, Carlos. *Depoimento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

LEITÃO, Juarez. Conferência: Virgílio Távora e a transição para o desenvolvimento do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico)*, Fortaleza, v.127, p. 235-248, 2013.

LEITÃO, Juarez. *Olga Barroso*: na vanguarda da vida. Fortaleza: Instituto Myra Eliane, 2017.

LIMA, Átila de Menezes. *A particularidade de um projeto modernizador*: Virgílio Távora e o processo de eletrificação do Estado do Ceará de 1950 a 1980. Fortaleza, 2015. 261p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Ceará.

LIMA, César Barreto; LIMA, Saulo Barreto (Org.). *Virgílio Távora*: o estadista cearense. Fortaleza: RDS, 2019.

LIMA, Cláudio Ferreira. *A construção do Ceará*: temas de história econômica. Fortaleza: Instituto Albanisa Sarasate, 2008.

LINHARES, Marcelo. *Virgílio Távora*: sua época. Fortaleza: Casa José de Alencar/UFC, 1996.

LUCENA, Humberto. Virgílio Távora. In: SENADO FEDERAL. *Virgílio Távora, pt para sempre*. Brasília: Senado Federal, 1988. p. 19-20.

MAXWELL, Kenneth. *Marquês de Pombal*: o paradoxo do Iluminismo. Rio de Janeiro: Record, 1996.

MEDEIROS, Moíza S. S. *Primeiro-damismo no Ceará*: Luíza Távora na gestão social. Fortaleza: Eduece; Edmeta, 2012.

MELO, Francisco Egberto de. *A cultura cívica na educação cearense (1963-1973) – na tapeçaria da história, entre o "livro da professora" e os festejos à pátria e ao progresso*. Fortaleza, 2006. 209p. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em História Social, Universidade Federal do Ceará.

MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *Fernandes Távora e o tenentismo no Ceará (1921-1924)*. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1982.

MORAES, Filomeno. Partidos, eleições e política no Ceará (1986-2002). In: SOUZA, Celina; DANTAS, Paulo (Org.). *Governo, políticas públicas e elites políticas nos Estados brasileiros*. Rio de Janeiro: Revan, 2006. p. 287-307.

MORAES, Filomeno. *Constituição econômica brasileira*: história e política. Curitiba: Juruá, 2011.

MORAES, Filomeno. *Constituição econômica brasileira*: história e política. Curitiba: Juruá, 2011.

MORAES, Filomeno. Um estadista do Ceará. *Segunda Opinião*, Fortaleza, 30 set. 2019. Disponível em: <https://segundaopiniao.jor.br/um-estadista-do-ceara-por-filomeno-moraes/.

MORAIS, Ana Flávia Góes. *As representações sobre Luiza Távora na política cearense (1962-1966)*. Fortaleza, 2011. 116p. Dissertação (Mestrado) - Mestrado Acadêmico em História, Universidade Estadual do Ceará.

PILATTI, Adriano. *A Constituinte de 1987-1988*: progressistas, conservadores, ordem econômica e regras do jogo. Rio Janeiro: Editora PUC-Rio, 2008.

RIBEIRO, Francisco Moreira. *A reação política conservadora*: o caso da União pelo Ceará. Fortaleza, 2000. 263p. Dissertação (Mestrado) - Mestrado Acadêmico em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RODRIGUES, Lupicínio. Esses moços. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/lupcinio-rodrigues/284979/>. Acesso em: 12 set. 2019.

SANTOS, Luís Sérgio Santos. *Parsifal*: um intelectual na política. São Paulo: Escrituras; Fortaleza: Instituto Myra Eliane, 2017.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. As eleições e a dinâmica do processo político brasileiro. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 14, p. 211-239, 1977.

SARAIVA, J. Ciro. *No tempo dos coronéis*: crônicas e episódios da política cearense (1958-1986). Fortaleza: ABC Editora, 2011.

SARAIVA, J. Ciro. *Governo Gonzaga Mota*: coragem e decisão. Fortaleza: RDS, 2016.

TÁVORA, Fernandes. *Ideias e perfis*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967.

TÁVORA, Juarez. *Uma vida e muitas lutas*, 1º volume: da planície ao altiplano. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

TÁVORA, Virgílio. *A chegada da energia de Paulo Afonso a Fortaleza* (discurso proferido a 1º de fevereiro de 1965). Fortaleza: Departamento de Imprensa Oficial, 1965.

WEBER, Max. *Escritos políticos*. Trad. Regis Barbosa; Karen E. Barbosa. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

Anexo Único

Uma memória pessoal de Virgílio Távora

1966 - O homenzinho formalmente vestido dançava com a mulher, muito bonita, elegante e vistosa. A dança era mais um item do ritual da política, sob os acordes de *Red roses for a blue lady*, que fora gravada como *Rosas vermelhas para uma dama triste*, e era um grande sucesso radiofônico, acordes tais executados por orquestra vinda da vizinha cidade de Parnaíba, no Piauí. O episódio se dava na casa do meu tio e padrinho, Libório Adrião de Araújo, então prefeito de Chaval, o qual, udenista, vencera por um voto o candidato do PSD. Era a chegada da "luz da Cenorte" (Companhia de Eletrificação Centro-Norte do Ceará), nos primeiros meses de 1967, com banquete no almoço e dança à noite.

1977 - Fui o orador da turma concludente da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará. Lembro-me bem de que, na solenidade de colação de grau, no Ginásio Paulo Sarasate, VT, senador e futuro governador, me olhava com o olhar duro e enigmático. Alguns dias depois, um chefe político da minha cidade disse-me: "O coronel Virgílio gostou do seu discurso". À época, não gostei. Como diz o trovador gaúcho: "Esses moços/Pobres moços/Ah! Se soubessem o que eu sei"...[43]

1987 - Era Procurador-Chefe do Centro de Estudos da PGE e, indo realizar um seminário sobre o processo constituinte, Valmir Pontes Filho me colocou ao telefone para falar com o senador VT, então ativo constituinte. Convidei-o para o evento. Ele foi muito gentil, conversou um pouco comigo, mas, afinal, declinou do convite e se desculpou por não poder vir, em vista da saúde abalada. Naquele dia, o telefonema desfez a minha impressão do homem geométrico da política da festa em Chaval e do homem de olhar duro e enigmático que me olhava no dia da colação de grau, substituída pela impressão de um cavalheiro, elegante, lhano, cordial.

Mas a lembrança mais viva que tenho, relacionada a VT, é do material de propaganda política no interior do estabelecimento comercial do meu pai, em Chaval, e que ali permaneceu ainda por muito tempo depois das eleições de 1962. Por conta de ser conterrâneo e amigo do deputado

[43] RODRIGUES, Lupicínio. Esses moços. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/lupcinio-rodrigues/284979/>. Acesso em: 12 set. 2019.

estadual Guilherme Gouveia, meu pai foi membro e, em alguns momentos, discreto presidente do diretório da UDN no município, e apoiou evidentemente a *União pelo Ceará*. Com nitidez, recordo as fotografias de VT, Figueiredo Correia, Paulo Sarasate e Guilherme Gouveia, entre as outras, que, hoje, deduzo serem as de Wilson Gonçalves e Tancredo Alcântara, candidatos ao Senado da coligação. A lembrança é de apenas fotografias na parede, mas, em paráfrase a Carlos Drummond de Andrade, como dói.

(Conferência proferida a 24 de setembro de 2019)